

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

### GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

#### CONCEITUAÇÃO E HIERARQUIZAÇÃO DAS QUESTÕES DE GÊNERO EM TESAuros: UM ESTUDO SOB AS LENTES DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E CRÍTICA DO CONHECIMENTO EM DIÁLOGO COM A INTERSECCIONALIDADE E A DECOLONIALIDADE

#### *CONCEPTUALIZATION AND HIERARCHIZATION OF GENDER ISSUES IN THESAURI: A STUDY THROUGH THE LENS OF SOCIAL AND CRITICAL KNOWLEDGE ORGANIZATION IN DIALOGUE WITH INTERSECTIONALITY AND DECOLONIALITY*

**Nathália Lima Romeiro** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

**Fabício José Nascimento da Silveira** – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** de que maneira os estudos de gênero podem contribuir para a explicitação dos modos de tratamento, conceituação e hierarquização de gênero manifestos nos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC)? Visando responder a essa questão, o estudo objetiva investigar como o termo gênero é conceituado e hierarquizado em tesauri especializados. Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, descritiva e exploratória, que utilizou a análise de conteúdo como método operacional (Bardin, 2016), fazendo uso das lentes teóricas da Decolonialidade e da Interseccionalidade para interpretar as questões de gênero. Como objeto, foram selecionados seis instrumentos que convergem com a temática, considerando critérios como relação com os estudos de gênero, abrangência temática, origem geográfica e estarem em acesso aberto. Como resultado, a análise dos tesauri evidenciou uma lacuna na articulação entre as concepções de gênero e os debates sobre interseccionalidade e decolonialidade contemporâneos. A pesquisa revela a necessidade de construção de um novo tesouro de gênero que considere interseccionalidade e decolonialidade em diálogo com as garantias literária, cultural e científica, adotando uma perspectiva rizomática para compreender a fluidez e complexidade das dinâmicas de gênero.

**Palavras-chave:** gênero; organização social e crítica do conhecimento; tesauri – hierarquização e conceituação; interseccionalidade; decolonialidade.

**Abstract:** how can gender studies contribute to clarifying the ways of treatment, conceptualization, and hierarchization of gender manifested in Knowledge Organization Systems (KOS)? Aiming to answer this question, the study goals to investigate how the term "gender" is conceptualized and hierarchized in specialized thesauri. Methodologically, this is qualitative research, of the bibliographic, descriptive, and exploratory type, which utilized content analysis as the operational method (Bardin, 2016), employing the theoretical lenses of Decoloniality and Intersectionality to interpret gender issues. Six instruments were selected as the object of study, converging with the theme, considering criteria such as relation to gender studies, thematic scope, geographical origin, and open access. As a result, the analysis of the thesauri highlighted a gap in the articulation between gender conceptions and contemporary discussions on intersectionality and decoloniality. The research reveals the need to construct a new gender thesaurus that considers intersectionality and decoloniality in dialogue with literary, cultural, and scientific guarantees, adopting a rhizomatic perspective to understand the fluidity and complexity of gender dynamics.

**Keywords:** gender; social and critical knowledge organization; thesauri – hierarchization and conceptualization; intersectionality; decoloniality.

## 1 INTRODUÇÃO

“Nem toda palavra é, aquilo que o dicionário diz”, esses são os versos iniciais da canção “Sonho de uma flauta<sup>1</sup>”, escrita por Fernando Anitelli e interpretada pela banda/trupe *O Teatro Mágico*. Sua escolha para iniciar este texto remete ao fato de que a produção e a transmissão de significados para as palavras e as coisas não se restringem à simples operação de recorrer às definições de um dicionário, instrumento que muitas vezes utilizamos para sanar dúvidas sobre os sentidos atribuídos a um conceito específico. Contudo, ainda que essas obras funcionem como bússolas na busca pelo significado de uma palavra, em certos casos o sentido agenciado e autorizado por elas pode não transmitir a totalidade de possibilidades léxicas e de usos sociais que o conceito examinado possui.

Atentando para isso, a presente investigação, motivada pela complexidade inerente ao termo "gênero", busca transpor a análise lexical, reconhecendo as múltiplas interpretações e disputas discursivas que permeiam seu uso cotidiano. Adotando uma perspectiva informada pelos estudos de gênero, compreende-se que suas interpretações são construções sociais não lineares e não hegemônicas (Connel, 2016; Núñez, 2023). Diante disso, reconhece-se a necessidade de ampliar a compreensão sobre gênero, considerando sua diversidade de tratamento e as fontes de informação que o modulam, o que será explorado por meio da conceituação (Dahlberg, 1978).

Delineado a partir do contexto supracitado, o presente trabalho atém-se ao seguinte problema: *de que maneira os estudos de gênero podem contribuir para a explicitação dos modos de tratamento, conceituação e hierarquização de gênero manifestos nos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC)?* Visando respondê-lo, o estudo tem como objetivo investigar como o termo gênero é conceituado e hierarquizado em tesouros especializados, adotando uma lente teórica que contempla a Organização do Conhecimento (OC) e os Estudos de Gênero.

A relevância da pesquisa reside não apenas na identificação de lacunas a serem exploradas no âmbito biblioteconômico-informacional, mas também na sua contribuição para um processo de reparação epistêmica (Adler, 2016). Reparação que se expressa por meio da

---

<sup>1</sup> Para ouvir, acesse: <https://open.spotify.com/track/1fK1Pn2JvPr9rczetl9Caj?si=4509e3085d7c41d9>

articulação entre a Organização Social e Crítica do Conhecimento (Trivelato, 2022) e os Estudos de Gênero, utilizando como ferramentas analíticas a interseccionalidade e a decolonialidade. Essa abordagem permite uma análise das estruturas de poder e das relações de subalternidade que podem estar implícitas nos SOC, promovendo, a partir disso, uma organização do conhecimento mais equitativa e representativa.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, do tipo bibliográfica, descritiva e exploratória, que utilizou a análise de conteúdo como método operacional, seguindo as etapas de pré-análise, codificação, categorização e inferência/interpretação (Bardin, 2016) com as lentes teóricas da Decolonialidade e da Interseccionalidade orientando a análise interpretativa. Como objeto, foram selecionados seis instrumentos que convergem com a temática, considerando critérios como relação com os estudos de gênero, abrangência temática (feminista, diversidade sexual/de gênero, família), origem geográfica (países colonizadores e colonizados), período de publicação (últimos 30 anos) e acesso aberto.

Na seção 2 caracteriza-se a Organização Social e Crítica do Conhecimento (OSCC), explorando como diferentes abordagens de linguagem e conceituação influenciam a produção e disseminação do saber. Na seção 3, serão apresentados os marcadores teóricos sobre gênero que sustentam este trabalho, com ênfase nas abordagens da interseccionalidade e da decolonialidade. A seção 4 os resultados da pesquisa e a quinta seção as considerações finais sobre o estudo.

## **2 CONCEITUAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: TECENDO CONEXÕES E DESCONSTRUINDO HIERARQUIAS**

A Organização do Conhecimento (OC) constitui-se, enquanto campo epistemológico e praxiológico, em um dos alicerces de investigação e de atuação em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Seu papel é fundamental na estruturação, representação e disseminação do saber, permeando as práticas informacionais e as reflexões teóricas da área. Atentando para isso, esta seção explora, a partir da polissemia do termo gênero, as intrincadas relações entre a conceituação e a organização social e crítica do conhecimento.

O termo "gênero", em face de suas múltiplas acepções, assume um papel central em nossas análises, as quais demandam considerar suas múltiplas interpretações e implicações, conforme evidenciado pela lente da conceituação proposta por Dahlberg (1978). Para ela, a definição de um conceito implica, inevitavelmente, uma restrição, estabelecendo limites ao

seu significado. Contudo, a autora pondera que essa fixação não se aplica a todos os conceitos, sendo mais pertinente para os conceitos gerais, que demandam uma distinção nítida para explicitar sua referência. Em consonância com essa perspectiva, Medeiros (2021) argumenta que o significado de um vocábulo em instrumentos de diferentes idiomas e localizações geográficas, organizados por indivíduos de culturas e objetivos distintos, pode apresentar variações de uso e sentido. Assim observado, considerando o gênero como uma construção social, é apropriado concebê-lo como um conceito geral, enquanto identidades de gênero e sexualidade podem ser compreendidas como categorias mais específicas, dispensando definições estritamente limitadas. Perspectiva que permite tensionar a ideia de categorias fixas como "mulher", "homem", "heterossexual" ou "homossexual", reconhecendo sua dimensão construída socialmente.

Construções que se manifestam de diferentes modos ao se compreender a relação entre o binarismo de gênero e a cisgeneridade como instâncias normativas da ideologia de gênero, em contraposição à transgeneridade e à visibilidade da condição intersexo como subversões a essas ideologias. Contudo, funcionando como uma via de mão dupla, apreende-se que esse mesmo movimento também permite uma ampliação de seu significado mais antigo para algo mais adaptado ao contexto do momento em que a proposta se faz vigente. Nessa mesma direção, Wittig (2022) argumenta que o termo "gênero" opera como um "indexador linguístico da oposição política entre os sexos e da dominação das mulheres", ressaltando sua centralidade no discurso político do contrato social, especialmente em sua forma compulsoriamente heterossexual. Wittig (2022) adverte, ainda, sobre a confusão entre significado e referente, por vezes observada em obras críticas, e para a redução do significado a uma mera reverberação do referente. Nesses termos, concordamos com a autora quando ela diz que "a linguagem projeta feixes da realidade sobre o corpo social, marcando-o e moldando-o violentamente" (Wittig, 2022, p. 117). Nesse sentido, expressões como "mulherzinhas" ou "vira homem" exemplificam essa violência, não definindo o que significa ser mulher, homem ou a dissidência de ambos, posto serem utilizadas para "corrigir" desvios em relação ao pensamento heterossexual hegemônico.

Desse modo, entendendo que a investigação da semântica do conceito e de seus impactos nas práticas de conceituação e hierarquização do conhecimento revelam a importância de atentarmos para as nuances conceituais na OC. A título de exemplificação, temos os tesouros, ferramentas essenciais para a estruturação e recuperação da informação,

que demandam uma análise sócio-histórica e crítica, investigando seu papel na OC, o contexto de seu desenvolvimento, suas características intrínsecas e as diretrizes que orientam sua construção (Dodebei, 2002; Trivelato, 2022).

Concordando com nossas interlocutoras e em diálogo com as reflexões suscitadas pela Organização Social e Crítica do Conhecimento (OSCC), que questiona as estruturas de poder subjacentes aos sistemas de organização do conhecimento e propõe alternativas que reconheçam a pluralidade epistêmica (Trivelato, 2022), entendemos que ao tecer conexões entre diferentes áreas do saber e propor a desconstrução de hierarquias epistêmicas estabelecidas, a OSCC busca contribuir para o avanço de uma Biblioteconomia e Ciência da Informação mais inclusiva e socialmente engajada. O que permite construir um campo capaz de responder aos desafios epistemológicos e ontológicos da contemporaneidade, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica das pesquisas e práticas de organização e representação do conhecimento.

Nessa direção, Trivelato (2022), inspirada por Judith Butler e Michel Foucault, concebe os Sistemas de Organização do Conhecimento como dispositivos performativos que controlam as formas de representação, mediação e disseminação do conhecimento. Alinhada a essa abordagem, o presente trabalho adota um caminho semelhante, reinterpretando as seis dimensões propostas por Trivelato (2022) para caracterizar a OSCC, são elas: 1) formas de autorização terminológica, 2) crítica ao universalismo e ao subalternizado, 3) ética na Organização do Conhecimento, 4) reparação, 5) vieses e 6) recusa da neutralidade. Releitura que implica na renomeação de verbetes, unificação ou subtração de categorias e incorporação de novos estudos visando ampliar e expandir o campo da OSCC. A seguir apresentamos as três categorias que compõem a nossa reinterpretação:

**Quadro 1 – releitura das dimensões da OSCC de Trivelato (2022)**

**A) As formas de autorização terminológica** - examina as garantias que validam os termos em Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), como tesouros. Fundamentada nos estudos de Beghtol (1986), Guedes (2016) e Barité (2019), essa dimensão explora as tipologias de garantias (de uso, literária, consenso científico, cultural, usuário, semântica, acadêmica, hospitalidade cultural e autopoietica), que se distinguem pelas fontes de autoridade utilizadas na coleta de termos. Para esta pesquisa, focada na conceituação e hierarquização do termo "Gênero", as garantias literária e cultural são centrais, visando inspirar a atualização de instrumentos existentes ou a criação de novos tesouros que incorporem a crítica à colonialidade de gênero, a decolonialidade e a interseccionalidade.

**B) Crítica ao universalismo e reparação epistêmica** – esta dimensão resulta da fusão das dimensões "Universalismo e o subalterno" e "Reparação", visando questionar as formas hegemônicas de construção e atualização dos sistemas de organização do conhecimento e corrigir as desigualdades

históricas presentes na produção e disseminação do saber. A crítica ao universalismo busca valorizar a diversidade de vozes e conhecimentos, enquanto a reparação epistêmica visa promover uma distribuição mais equitativa de recursos e oportunidades.

**C) Ética e vieses** - A reflexão sobre ética e vieses é fundamental na Organização Social e Crítica do Conhecimento (OSCC), especialmente na perspectiva decolonial, que busca desafiar as estruturas de poder coloniais e promover justiça, igualdade e respeito pela diversidade cultural. No entanto, a perspectiva decolonial também chama a atenção para os vieses presentes na pesquisa acadêmica, que podem surgir devido a preconceitos culturais, ideológicos e epistemológicos enraizados nas estruturas do conhecimento dominante. Essa discussão se sedimenta na perspectiva da OSCC quando o campo amplia os limites da organização do conhecimento questionando os vieses dominantes nos instrumentos de organização do conhecimento.

**Fonte:** elaborado pelos autores (2025)

Reconhecendo a urgência de caracterizar a Organização Social e Crítica do Conhecimento (OSCC), esta seção explorou as diferentes abordagens da linguagem, da conceituação e da organização do conhecimento, examinando como as estruturas sociais e as relações de poder influenciam a produção, organização e disseminação do saber. Nesse sentido, as dimensões da OSCC evocam a importância de questionarmos as estruturas de poder que modulam o conhecimento dominante, desafiando os discursos hegemônicos e buscando uma gama mais ampla de conhecimentos e perspectivas, incluindo vozes anteriormente sub-representadas. Na próxima seção, serão apresentados os marcadores teóricos sobre gênero que amparam este trabalho, privilegiando as lentes teóricas da interseccionalidade e da decolonialidade.

### **3 ESPECTRO DAS QUESTÕES DE GÊNERO PELAS LENTES TEÓRICAS DA INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE**

Ao considerar o gênero como um espectro socialmente construído e mutável, reconhecemos suas múltiplas dimensões inter-relacionadas, que abrangem aspectos privados, subjetivos, comunitários e políticos. Embora o feminismo tenha sido um dos primeiros movimentos a reivindicar a emancipação das opressões de gênero, as reivindicações dos movimentos gays e lésbicos também são essenciais para questionar a heterossexualidade compulsória, instância reconhecida como uma das estruturas que hierarquiza socialmente as existências (Rich, 2010; Wittig, 2022).

Connell (2016) amplia esse entendimento ao afirmar que o gênero é uma forma de corporificação social historicamente situada. Louro (2008) complementa esse apontamento ao considerar que a construção social do gênero é um processo minucioso e inacabado. Por sua vez, os estudos sobre sexualidade e identidade de gênero têm se expandido,

estabelecendo interseções específicas em cada contexto social (Butler, 2018; Rich, 2010). Butler (2024), por exemplo, tensiona o movimento político-cultural contrário à chamada "Ideologia de gênero" que deve ser observado e debatido política, social e culturalmente a partir de diferentes dimensões. Para abranger as diversas nuances que envolvem as questões de gênero, evocamos o conceito de interseccionalidade, por ser essa uma das lentes teóricas que pauta nossa argumentação.

O conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002), compreende as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre diferentes eixos de subordinação como raça, gênero, idade, localização geográfica, classe, condição humana (pessoas com ou sem deficiência) entre outros atravessamentos moldando as posições de sujeitos e gerando opressões específicas. Entretanto, cabe destacar que antes de Crenshaw, Angela Davis (2016), Audre Lorde (2020) e bell Hooks (2020) já destacavam a importância de considerar raça/etnia e classe em estudos sobre gênero, investigando as experiências de mulheres não-brancas, a hipersexualização das mulheres negras e a solidão das mulheres lésbicas negras.

Collins e Bilge (2021) avançam nessa discussão ao posicionar a interseccionalidade como uma forma de entender a complexidade do mundo e das experiências humanas, enfatizando sua aplicação em diversos contextos acadêmicos, políticos e sociais, incluindo a elaboração de políticas públicas e a promoção de reflexões sobre educação e ensino, o que demonstra sua relevância para além do âmbito teórico e sua capacidade de informar ações concretas. Akotirene (2020), por sua vez, defende uma abordagem centrada no Sul global, criticando a "cisgeneridade branca heteropatriarcal" e enfatizando a necessidade de deslocamentos epistêmicos que valorizem o conhecimento proveniente de África e da diáspora, oferecendo uma lente crítica para analisar a colonialidade de gênero e as estruturas de poder que marginalizam as mulheres negras. Para essas autoras, a interseccionalidade, ao proporcionar visibilidade às diferentes posições de poder nos discursos, desafia a concepção de uma única perspectiva dominante e busca ampliar a diversidade de vozes e experiências.

Sob a lente da decolonialidade e da perspectiva contracolonial indígena, o pertencimento comunitário se manifesta no reconhecimento mútuo, expresso pelo uso do termo "parente" como designação afetiva e política (Núñez, 2023). Essa perspectiva relaciona pessoas e natureza, contrastando com a crença colonial que associa gênero exclusivamente às mulheres e raça/cor da pele a pessoas não brancas. Isso tensiona a imposição de

identidades fixas e hierárquicas características do pensamento colonial e promovendo uma visão de mundo interconectada e respeitosa com a diversidade.

Lugones (2020) propõe uma reinterpretação da modernidade colonial capitalista ao subverter a estrutura binária de gênero e valorizar formas pré-coloniais de organização social. Em consonância com essa perspectiva, Segato (2021) problematiza o eurocentrismo e a colonialidade do poder demonstrando a conversão do acesso sexual em "mal moral" com a intervenção colonial e a utilização da miscigenação como projeto de colonização que perpetua a violência de gênero. Núñez (2022, 2023) adiciona que a imposição de um sistema sexo/gênero binário foi essencial para a acumulação de bens e riquezas no projeto colonial. Essa análise é aprofundada por Schucman (2012) e Silva, Saldanha e Pizarro (2018) que questionaram a racialização da branquitude e os privilégios estruturais que ela acarreta, destacando a importância de confrontar o racismo e compreender como as identidades são construídas nas relações sociais e por meio da linguagem, o que implica reconhecer que a pessoa se constitui e se transforma tendo por referência o contexto em que está inserida e a apropriação dos significados socioculturais.

Retomando o pensamento de Lugones (2020), destacamos que ela acentua a presença de outros gêneros nas sociedades originárias latino-americanas, o que constitui uma importante contribuição em suas obras, pois desafia a imposição binária de gênero. Essa crítica se estende à discussão sobre a intersexualidade, entendida como a condição que desafia a normalização da corporalidade, sobretudo aquela derivada da perspectiva médica. Aprofundando essa ideia, Löwy (2019) e Lugones (2020) evidenciam que os indivíduos intersexuais foram historicamente considerados "erros da natureza" e tratados como objetos de estudo, negligenciando suas existências, experiências e necessidades individuais. Essa violência histórica demonstra que as relações moldadas pela colonização e pela colonialidade de gênero são condicionadas por estruturas e processos violentos (Connell, 2016; Löwy, 2019, Segato, 2021).

Para desafiar a lógica agenciada por esse modelo colonial, Rita Segato (2021) propõe a adoção de um giro decolonial, que envolve uma subversão epistêmica do poder. Com base nisso, propomos que gênero, em termos culturais, históricos, políticos e filosóficos, constitui um sistema de categorização social no qual são arbitrariamente estabelecidas relações hierárquicas com base no agrupamento ou diferenciação de pessoas que compartilham uma mesma origem ou características semelhantes, sob uma concepção de um domínio da

realidade. Por consequência, o gênero inevitavelmente perpassa e territorializa a existência de cada indivíduo e comunidade, o que demanda a constituição de uma abordagem sensível às suas nuances e interseccionalidades.

#### 4 RESULTADOS E ANÁLISES

Esse trabalho sistematiza os resultados de uma pesquisa mais ampla que analisou a representação de 12 termos-chave (gênero, homem, mulher, patriarcado, matriarcado, sexo, sexualidade, cisgeneridade, binarismo, família, transgênero e intersexo) em tesouros especializados, refletindo sobre a evolução do debate de gênero e a consolidação de uma terminologia específica. A seleção desses termos levou em consideração aspectos sociais, culturais, políticos e identitários, convergindo com o referencial teórico da pesquisa. O objetivo era compreender como a terminologia empregada nos tesouros reflete ou contribui para a construção de perspectivas sobre as relações de gênero, identificando lacunas, limitações ou enviesamentos, tendo-se em vista aprimorar as descrições terminológicas e a disseminação da informação.

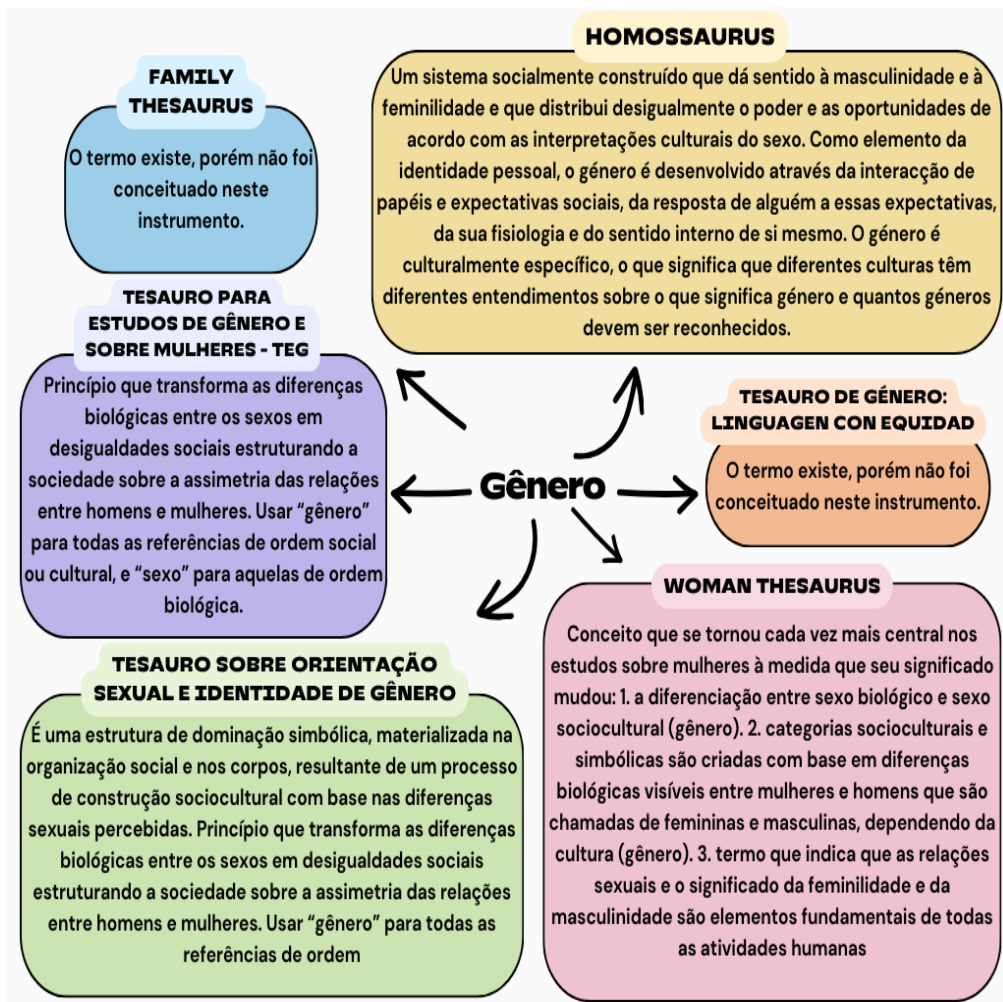
Para analisar a representação de gênero nos tesouros, foram definidas duas categorias: **1) Conceituação**, que examina as definições dos termos, incluindo notas de escopo, históricas e de aplicação; e **2) Hierarquização**, que analisa a apresentação sistemática dos termos por meio de seus relacionamentos hierárquicos (termos genéricos, específicos e relacionados), bem como a possível invisibilização de termos e relacionamentos. Essas categorias permitiram evidenciar como cada termo é hierarquizado e quais assuntos estão presentes na pesquisa sobre gênero.

Em seu conjunto, a pesquisa examina seis tesouros sobre gênero: *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*; *Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero*; *Tesouro de Género: lenguaje con equidad*; *Tesouro Homossaurus*; *Women Thesaurus*; e *Family Thesaurus*. Os conceitos e seus relacionamentos foram extraídos e organizados em uma planilha eletrônica, considerando metadados como título, termo, conceito e hierarquização. A seleção de tesouros de diferentes regiões geográficas (países colonizados e colonizadores) teve em vista obter uma amostra representativa e compreender as nuances históricas, socioculturais e epistemológicas na estruturação do conceito de gênero.

As análises de conceituação e hierarquização dos termos foram detalhadas, empregando recursos visuais como mapas conceituais (Canva) e quadros de hierarquização

(Excel) para melhor visualização e compreensão. Enquanto os mapas conceituais ilustraram a organização conceitual intrínseca a cada termo, os quadros do Excel permitiram ressaltar a estrutura hierárquica, diferenciando termos genéricos, específicos, relacionados e os delimitadores de uso ("Use" e "Used for"). Essa análise foi conduzida sob as lentes epistemológicas da interseccionalidade e decolonialidade, o que implicou problematizar as definições e hierarquizações à luz das complexas interações entre identidades de gênero e sexualidade, raça, classe, efeitos da colonização e outras dimensões sociais. A seguir apresentamos uma amostra dos resultados que consiste na análise da conceituação e hierarquização do termo "gênero" em tesouros.

Figura 1 - Conceituação do termo Gênero



Fonte: elaboração própria em CANVA, 2025.

Reconhecendo que os tesouros refletem o discurso e o engajamento político de sua época (Medeiros, 2021), a pesquisa valorizou a importância das definições conceituais na

comunicação. Nesse sentido, foram consideradas as perspectivas teóricas de Dahlberg (1978), que enfatiza a necessidade de definições detalhadas para conceitos gerais, e de Tálamo, Lara e Kobashi (1992), que destacam a importância do controle terminológico por meio do reconhecimento das propriedades de cada termo.

A análise conceitual **do Tesouro Para Estudos de Gênero e Sobre Mulheres (TEG)** revela uma limitação ao binarismo, pois universaliza o gênero em apenas duas possibilidades ao passo que negligencia a colonialidade de gênero por não incluir essa dimensão na conceituação, enquanto o **Homosaurus** apresenta uma perspectiva mais alinhada com abordagens contemporâneas, reconhecendo o gênero como sistema socialmente construído e culturalmente específico, embora ainda com traços de binarismo. O **Woman's Thesaurus**, por sua vez, demonstra uma evolução conceitual ao longo de suas três definições, aproximando-se de uma compreensão relacional entre gênero e sexualidade, mas ainda com resquícios de uma visão binária. O **Tesouro sobre orientação sexual e identidade de gênero** apresenta a mesma definição limitada do TEG. A ausência de definição nos tesouros **Gênero: lenguaje con equidad** e **Family Thesaurus** restringe o diálogo teórico. Em síntese, a análise revela uma lacuna na articulação entre as concepções de gênero nos tesouros e os debates sobre colonialidade de gênero e decolonialidade, com exceção do Homosaurus, que se destaca por uma conceituação mais alinhada com as abordagens contemporâneas, embora a maioria ainda não subverta explicitamente o binarismo de gênero ou incorpore concepções dissidentes das noções hegemônicas.

**Quadro 2 – Hierarquização do termo gênero**

GÊNERO					
Tesouros	Termo Genérico	Termo específico	Termo relacionado	Used	Used for
Homosaurus		Sexo atribuído; expressão de gênero; identidade de gênero <sup>2</sup>	Cirurgia de afirmação de gênero; Ambiguidade de gênero; Binários de gênero; Diversidade de gênero; Minorias de gênero; Relações de gênero; Segregação de gênero; Estudos de gênero; Transgressão de gênero; Gendercídio; Genderismo; Passagem (gênero); Sexo (corpo); Furtividade (transgênero); Trangenderismo <sup>3</sup>		

<sup>2</sup> Traduzido de: Assigned gender; gender expression; gender identity.

<sup>3</sup> Traduzido de: Gender affirming surgery; Gender ambiguity; Gender binaries; gender diversity; gender minorities; gender relations; gender segregation; gender studies; gender transgression; gendercide; genderism; passing (gender); sex (body); stealth (transgender); transgenderism.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Women's Thesaurus	identidade; categorias sociais <sup>4</sup>	Androginia; feminilidade; masculinidade <sup>5</sup>	Interseccionalidade <sup>6</sup>		
Family Thesaurus			Feminilidade; Diferenças de gênero; Intersexualidade; Masculinidade; Homens; Discriminação sexual; Papel sexual; Mulheres <sup>7</sup>		sex <sup>8</sup>
Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres (TEG)			construção social da realidade; divisão sexual do trabalho; estudos de gênero, classe e raça; estrutura social; ideologia de gênero; organização social; relações de gênero; sexo; socialização;		
Tesouro de gênero: linguagen con equidad	Estudos de gênero e femininismo <sup>9</sup>	Distinção público-privado; estudos de gênero; estudos sobre mulheres; estudos sobre gays e lésbicas; estudos sobre masculinidade; ideologia de gênero; papéis de gênero; relações de gênero; sistemas de gênero; socialização de gênero; tecnologia e gênero <sup>10</sup> .	Feminismo; gênero e democracia; gênero e equidade; gênero e poder; gênero e trabalho; gênero e história; história do gênero <sup>11</sup> .		
Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero		Identidade	Identidade de gênero		

**Fonte:** elaboração própria, 2025.

A análise dos seis tesouros revela abordagens distintas e graus variados de alinhamento com as perspectivas teóricas contemporâneas. O **Homosaurus** se destaca por evitar um termo genérico para "gênero", convergindo com a compreensão de que o termo funciona como um "guarda-chuva" para uma ampla gama de fenômenos relacionados às questões de gênero. Em contraste, o **Woman's Thesaurus** adota "identidade" e "categorias sociais" como termos genéricos, considera-se o primeiro adequado, conforme abordado em nosso referencial teórico. Entretanto, a adoção de "categorias sociais" como outro termo genérico revela-se menos adequada. Isso porque, conforme defendemos aqui, o gênero se

<sup>4</sup> Traduzido de: identity; social categories

<sup>5</sup> Traduzido de: Androgyny; femininity; masculinity

<sup>6</sup> Traduzido de: intersectionality.

<sup>7</sup> Traduzido de: Femininity; Gender differences; Intersexuality; Masculinity; Men; Sex discrimination; Sex role; Women.

<sup>8</sup> Traduzido de: Sex.

<sup>9</sup> Traduzido de: Estudios de género y feminismo

<sup>10</sup> Traduzido de: distinção público-privado; estudos de gênero; estudos sobre mulheres; estudos sobre gays e lésbicas; estudos sobre masculinidade; ideologia de gênero; papéis de gênero; relações de gênero; sistemas de gênero; socialização de gênero; tecnologia e gênero.

<sup>11</sup> Traduzido de: Feminismo; Género y democracia; género y equidad; género y poder; género y trabajo; história de gênero.

constitui em uma categoria social fundamental, que estrutura e organiza diversos aspectos da vida em sociedade. Portanto, não é apropriado considerá-lo como uma subcategoria ou um desdobramento de um conceito mais amplo como "categorias sociais". Ademais, apresenta termos específicos como "androginia", "feminilidade" e "masculinidade", que refletem uma visão mais binária e historicamente situada do gênero. O **Family Thesaurus**, por sua vez, carece de termos genéricos e específicos para gênero, o que limita sua capacidade de representar a diversidade de dinâmicas familiares e obscurece as experiências de grupos marginalizados.

A avaliação dos termos relacionados e das abordagens conceituais de cada tesouro revela desafios na representação da complexidade e fluidez do gênero. O **Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres (TEG)** explicita a correlação entre gênero e outros conceitos-chave, mas carece de uma perspectiva interseccional e decolonial robusta. O **Tesouro de Género: Lenguaje con Equidad** demonstra uma orientação feminista e busca contemplar a pluralidade de identidades e expressões de gênero. O **Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero** apresenta lacunas em sua estruturação hierárquica, com a adoção imprecisa do termo "Identidade". Assim, a análise evidencia a necessidade de uma maior teorização sobre gênero na Biblioteconomia e na Ciência da Informação, ação que pode ser impulsionada pela Organização Social e Crítica do Conhecimento (OSCC) e pela construção de um novo tesouro que incorpore as lentes da interseccionalidade e da decolonialidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou a relação entre gênero e a realidade social, articulando Estudos de Gênero e a Organização Social e Crítica do Conhecimento (OSCC) para analisar como os Tesouros especializados tratam, conceituam e hierarquizam o termo gênero. Alinhado a isso, respondeu a questão de pesquisa pois evidenciou os modos de tratamento, conceituação e hierarquização de gênero conferidos pelos SOCs. Em paralelo, buscou-se compreender como as desigualdades e hierarquias de gênero se materializam na linguagem e nos sistemas de organização do conhecimento, utilizando a OSCC como abordagem teórica fundamental.

Os resultados apresentados indicam que a OSCC se revela essencial para analisar criticamente a construção e representação do conhecimento, posto ser capaz de destacar as dimensões de poder e como as estruturas de gênero são inscritas e reificadas nos SOCs. Nesse

sentido, os resultados confirmam a limitação interpretativa sobre gênero nos Tesouros estudados, reiterando os pressupostos de que o gênero é uma categorização social naturalizada, enviesada na binaridade e cisgeneridade. Conclusão que ressalta como a linguagem, com seu poder coercitivo, produz e reproduz desigualdades, marcando corpos e a realidade social.

A principal dificuldade da pesquisa residiu na seleção dos referenciais teóricos, exigindo uma cuidadosa curadoria para abarcar a amplitude dos estudos de gênero e a necessidade de uma perspectiva interseccional e decolonial. Superar esse entrave, contudo, permitiu que a investigação apontasse para a necessidade de maior teorização sobre gênero na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Dessa forma, a pesquisa sugere a construção de um novo tesouro de gênero que considere interseccionalidade e decolonialidade, conjugadas às garantias literária, cultural e científica, adotando, assim, uma perspectiva rizomática para compreender a fluidez e complexidade das questões ligadas ao gênero. Esse novo instrumento, ao valorizar a multiplicidade, a conectividade e a desterritorialização, poderá contribuir para uma compreensão mais fluida, multidisciplinar e transgressora das dinâmicas de gênero, promovendo uma organização do conhecimento mais alinhada com as demandas de justiça social e equidade informacional.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Melissa. The case for taxonomic reparations. **Knowledge Organization**, v. 43, n. 8, p. 630-640, 2016.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARITÉ, Mario. Em direção a uma conceituação geral das garantias: primeiras anotações. *In*: BARROS, Thiago Henrique B.; TOGNOLI, Natália Bolfarini (orgs.). **Organização do conhecimento responsável**: promovendo sociedades democráticas e inclusivas. Belém: Editora da UFPA, 2019. (Estudos Avançados em Organização do Conhecimento; 5)

BEGHTOL, Clare. Bibliographic classification theory and text linguistics: aboutness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. **Journal of documentation**, v. 42, n. 2, p. 84-113, 1986.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e as políticas das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?**. São Paulo: Boitempo, 2024

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da informação**, Brasília, v. 7, n. 2, 1978.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói; Rio de Janeiro: Intertexto; Ed. Interciência, 2002.

GUEDES, Roger de Miranda. **O princípio da garantia semântica e os estudos da linguagem**. 153 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

HOOKS, bell. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

LÖWY, Ilana. Intersexo e transexualidades: as tecnologias da medicina e a separação do sexo biológico do sexo social. **Em Construção**: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência, n. 5, p. 130-142, 2019

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53-83.

MEDEIROS, Laís Virginia Alves. Quais sentidos para gênero? Uma análise de dicionários. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 21, p. 71-93, 2021.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

NÚÑEZ, Geni. **Nhande ayvu é da cor da terra**: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas** - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo"**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SALDANHA, Gustavo da Silva; PIZARRO, Daniella Cmara. A branquitude nas práticas docentes em biblioteconomia e ciência da informação: notas teórico-críticas sobre um ensino que promove o preconceito racial. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018. **Anais** [...]. Londrina: ANCIB, 2018.

TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; LARA, Marilda Lopes Ginez de; KOBASHI, Nair Yumiko. Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 197- 200, set./dez. 1992.

TRIVELATO, Rosana Matos da Silva. **A luta das mulheres tem muitos nomes**: os sistemas de organização do conhecimento frente a uma emergência conceitual. 2022. 234 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

WITTIG, Monique. **O pensamento hetero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.